



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

GIANCARLO PANTOJA PESSOA

**O LOCAL QUE NÃO SAI DE MIM:
MEMÓRIA SENSORIAL E PERTENCIMENTO EM GURUPÁ-MIRI**

Belém, Pará
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

GIANCARLO PANTOJA PESSOA

**O LOCAL QUE NÃO SAI DE MIM:
MEMÓRIA SENSORIAL E PERTENCIMENTO EM GURUPÁ-MIRI**

Relatório acadêmico-científico elaborado em conformidade com a Instrução Normativa nº 5, de 21 de dezembro de 2023, da Universidade Federal do Pará (UFPA), Tal produção se materializa na forma de um minidocumentário, apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Comunicação Social – habilitação em Publicidade e Propaganda, sob orientação da Profa. Dra. Jússia Carvalho.

Belém, Pará
2025

GIANCARLO PANTOJA PESSOA

Relatório acadêmico-científico elaborado em conformidade com a Instrução Normativa nº 5, de 21 de dezembro de 2023, da Universidade Federal do Pará (UFPA), Tal produção se materializa na forma de um minidocumentário, apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Comunicação Social – habilitação em Publicidade e Propaganda, sob orientação da Profa. Dra. Jússia Carvalho.

Data de aprovação: ___ / ___ / ___

Conceito: _____

Profa. Dra. Jússia Carvalho Membro
Orientadora – UFPA/ ILC/ FACOM

Profa. Dra. Marina Castro
Membro da banca – UFPA/ PPGA

Profa. Dra. Ana Paula
Membro da banca – UFPA/ ICA// FAV

Belém
2025

*A todos que guardam em si as memórias, os sons e os
cheiros seus locais. A todos de Gurupá-Miri — este
trabalho é também de vocês, por vocês e para vocês.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe, Ilsilene Pantoja, e ao meu pai, João Carlos Pessoa. Vocês foram, e sempre serão, minha base, minha rocha e minha inspiração. Desde a infância, fizeram tudo o que estava ao alcance para me oferecer uma boa vida, educação e oportunidades. Se hoje estou defendendo este Trabalho de Conclusão de Curso, é porque vocês foram meu maior alicerce.

Aos meus familiares, deixo meu carinho e gratidão pelo apoio constante, direto ou indireto. À minha tia Ivanete Pantoja, ao meu avô José Edir Pantoja, aos meus irmãos Igor e Eduarda Pantoja, e à minha tia Nilza Miranda. Um agradecimento especial à minha irmã Karina Pantoja, que esteve ao meu lado desde minha mudança para Belém. Entre brigas e afeto, sempre encontramos força um no outro, e sua presença foi essencial em toda essa caminhada.

Aos meus amigos que caminharam comigo durante a faculdade, Ari Barros, Allan Fillype, Luis Pinheiro e Juliana Maia, obrigada por todas as conversas, opiniões, debates e risadas. Vocês foram, sem dúvida, o melhor presente que a UFPA me deu. À minha amiga de infância, Renata Pombo, meu outro pedaço desde o ensino fundamental, agradeço por sempre ser porto seguro.

À minha amiga Vitória Launé, que aceitou embarcar comigo nessa jornada de última hora, viajando de barco para o Marajó pela primeira vez. Obrigado por me apoiar, por me acompanhar nessa viagem e por mergulhar de verdade na minha vida.

À Carolina Venturini, que foi inspiração desde o início da graduação. Obrigado por me lembrar, em cada momento, da importância de valorizar minhas origens, minha comunidade e minha história. Você foi uma das motivações que sustentaram este projeto.

À minha orientadora, Jússia Carvalho, que não apenas aceitou me orientar em meio às minhas incertezas, mas me instigou a olhar para minha trajetória com mais profundidade. Sua orientação me fez retornar a Gurupá após tantos anos e me reconectar com minhas raízes, com minha família e com a força da minha memória.

À minha amiga, roteirista e diretora Beatriz Balby, agradeço por me abrir as portas do cinema, por compartilhar sua experiência e por acreditar no meu potencial. Esse trabalho também carrega muito da sua influência.

Um agradecimento especial aos entrevistados desta pesquisa — Akon Pantoja, Arlete Corrêa, Cássia Benathar, Edir Pantoja e Hermes Viana — que gentilmente abriram suas memórias e partilharam suas histórias comigo. Obrigado pela confiança, pela disponibilidade

e pela generosidade em dividir comigo aquilo que também faz parte de suas vidas. Vocês foram peças fundamentais para que este trabalho existisse e, sobretudo, tivesse alma.

Agradeço também a Deus, aos meus Orixás e aos meus guias espirituais, que estiveram comigo em cada etapa dessa caminhada, me protegendo, orientando e me fortalecendo nos momentos de incerteza. Assim como meus pais, foram pilares essenciais dessa trajetória.

Por fim, meu muito obrigado a todos que, de alguma forma, estiveram comigo durante essa jornada. Este trabalho não é apenas um requisito acadêmico, mas a realização de um sonho, um reencontro com minhas memórias e um marco pessoal que levarei para sempre.

Resumo

O trabalho a seguir apresenta o minidocumentário “O lugar que não sai de mim: memória sensorial e pertencimento em Gurupá-Miri”, desenvolvido a partir de uma abordagem que entrelaça comunicação, etnografia sensorial e antropologia visual. A pesquisa se estrutura no retorno do pesquisador à comunidade de Gurupá-Miri, onde memórias afetivas, experiências corporais e vínculos de pertencimento emergem como elementos centrais para compreender as relações entre sujeitos e território. Como parte da metodologia, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com moradores da comunidade, permitindo que suas narrativas orais dialogassem com os registros audiovisuais e com a experiência pessoal do pesquisador. O processo de produção, realizado integralmente em formato mobile com recursos próprios, envolveu tanto desafios técnicos e logísticos, como o cuidado com os equipamentos durante os deslocamentos, quanto aprendizados criativos relacionados ao registro audiovisual em contextos cotidianos e familiares. O trabalho configura-se como um gesto político e afetivo de dar visibilidade às narrativas locais, frequentemente silenciadas por uma lógica urbano-colonial, reafirmando o valor dos “pequenos lugares” na construção de identidades, memórias e resistências amazônicas.

Palavras-chave: memória sensorial; pertencimento; audiovisual; antropologia visual; Gurupá-Miri.

Abstract

This work presents the short documentary “O lugar que não sai de mim: memória sensorial e pertencimento em Gurupá-Miri”, developed through an approach that intertwines communication, sensory ethnography, and visual anthropology. The research is grounded in the researcher’s return to the community of Gurupá-Miri, where affective memories, bodily experiences, and senses of belonging emerge as central elements to understand the relationships between people and territory. As part of the methodology, semi-structured interviews were conducted with community members, allowing their oral narratives to dialogue with audiovisual records and the researcher’s personal experience. The production process, carried out entirely in a mobile format with self-owned resources, involved both technical and logistical challenges — such as safeguarding the equipment during displacements — and creative learning related to audiovisual recording in everyday and family contexts. Beyond fulfilling an academic requirement, the work stands as a political and affective gesture to give visibility to local narratives, often silenced by urban-colonial logic, and to reaffirm the value of “small places” in the construction of Amazonian identities, memories, and resistances.

Keywords: sensory memory; belonging; audiovisual; visual anthropology; Gurupá-Miri.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. A cidade mãe	12
1.2. E minhas segundas casas	15
2. ROTEIRO EM CENA: PLANEJAMENTO E ENTREVISTAS	21
2.1. PRÉ-PRODUÇÃO	21
2.1.1. Viagem e chegada a Gurupá	24
2.2. PRODUÇÃO	26
3. TAKE PESSOAL: IMPACTOS E TRANSFORMAÇÕES DO PESQUISADOR	30
4. FRAME COMUNICACIONAL: CONEXÕES ENTRE EXPERIÊNCIA E JUSTIFICATIVA	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	35

1. INTRODUÇÃO: O LUGAR QUE NÃO SAI DE MIM

Este trabalho nasce de uma experiência marcada por deslocamentos físicos e simbólicos, atravessada pelo desejo de afastamento da origem interiorana e, ao mesmo tempo, pelo afeto que dela deriva. A entrada no campo de estudo se dá a partir de uma aproximação sensível com a comunidade de Gurupá-Miri, buscando compreender o cotidiano e as memórias afetivas de seus moradores através da observação participante e do registro audiovisual das experiências sensoriais vividas. Essa comunidade, onde foram vividos momentos importantes da minha infância, como os banhos de rio, as brincadeiras com os primos e a convivência com familiares, sempre esteve presente como referência afetiva, ainda que, durante muito tempo, fosse associada a uma sensação de aprisionamento e à necessidade de buscar oportunidades em outros espaços.

O Estado do Pará constitui um dos principais territórios de diversidade étnica do Brasil, marcado pela presença histórica de povos indígenas, comunidades quilombolas, populações ribeirinhas e migrantes de diferentes origens. Os dados recentes do Censo Demográfico de 2022 confirmam essa pluralidade: mais de 1,6 milhão de pessoas se autodeclararam indígenas no país, das quais uma parcela expressiva está no Pará, que concentra 869 localidades indígenas, cerca de 10% do total nacional. Ao mesmo tempo, 1,3 milhão de pessoas se identificaram como quilombolas no Brasil, com forte presença no estado. Esses números evidenciam que o Pará é um mosaico de ocupações e formas de pertencimento, distribuídas entre cidades, aldeias, quilombos e povoados ribeirinhos (IBGE, 2022).

Entretanto, embora a capital Belém concentre maior visibilidade política e midiática, são os núcleos urbanos menores e povoados distantes que guardam uma rica experiência histórica e cultural ainda pouco conhecida. Gurupá, situado no Baixo Amazonas, constitui um exemplo emblemático: estudado inicialmente por Charles Wagley em *Uma Comunidade Amazônica* (1953), foi retomado, mais recentemente, no livro *Crônicas de Uma Comunidade Amazônica: Oito décadas de pesquisa e envolvimento em Gurupá, Pará* (PACE; LIMA, 2024) que reuniu novas leituras arqueológicas, históricas e antropológicas sobre Gurupá, reforçando seu papel como espaço de circulação, memória e migração.

A experiência de povos quilombolas e indígenas em municípios vizinhos também ilustra como as migrações internas moldaram o território amazônico. É nesse contexto que se insere a presente pesquisa, voltada para compreender como os moradores de Gurupá e da comunidade de Gurupá-Miri constroem e expressam suas memórias sensoriais e afetivas do lugar, a partir de cheiros, sons, sabores, imagens e texturas que evocam pertencimento e identidade. A abordagem metodológica proposta dialoga com a etnografia sensorial de Sarah

Pink (2015) e com os debates da antropologia visual de David MacDougall (2006), entendendo o corpo do pesquisador-cinegrafista como parte da experiência vivida. Ao mesmo tempo, apoia-se na discussão desenvolvida por Marina Castro (2021), que sistematiza a antropologia dos sentidos como ferramenta para o trabalho de campo. Essa perspectiva permite reconhecer que a pesquisa não se dá de fora, mas de dentro: o pesquisador, descendente de quilombolas e indígenas, é também sujeito dessa memória e desse território.

Este trabalho surge a partir de minha mudança para a capital do Estado do Pará, Belém, a qual representou minha primeira mudança e o primeiro grande choque de realidade. Apesar de ainda estar na mesma região e já conhecer a cidade, as variações culturais, de hábitos e de perspectivas se revelaram de forma marcante. A vivência de situações de xenofobia, disfarçadas em perguntas irônicas como “Você morava numa oca?”, “Tem internet lá?” ou “Como vocês vivem sem shopping?”, gerou um distanciamento simbólico em relação à minha própria identidade. Essa sensação de estranhamento em relação ao familiar aproxima-se da reflexão de Gilberto Velho (1994), para quem a negação de elementos do próprio meio pode resultar em um sentimento de deslocamento e na recusa de partes da minha própria trajetória.

Foi somente no espaço acadêmico que essa tensão começou a ser reelaborada. O meu primeiro tema proposto para o Trabalho de Conclusão de Curso seria a campanha de social media para o curta-metragem “Desculpa Não Dizer Que Te Amo” de Beatriz Balby da Faculdade de Artes Visuais. Entretanto, durante uma apresentação de trabalho na disciplina Teorias da Cultura e do Contemporâneo, ministrada por Jússia Carvalho, uma entrevista realizada com minha mãe suscitou a pergunta da docente: “Por que tu não usas o teu local como teu TCC? É um local rico que tu podes explorar de forma etnográfica, partindo das memórias”. Essa provocação trouxe à tona lembranças da minha intenção inicial de estudar o meu território de origem, mas que, ao longo da formação, havia sido substituída por outras possibilidades oferecidas pelo curso de Publicidade e Propaganda, somado à minha tentativa de desvincular o Giancarlo, garoto da cidade, do Giancarlo, criança de Gurupá. O questionamento marcou um ponto de inflexão, reacendendo o interesse em valorizar a própria origem, surgindo, assim, o minidocumentário O Local Que Não Sai De Mim: Memória sensorial e pertencimento em Gurupá-Miri.

1.1. A cidade mãe

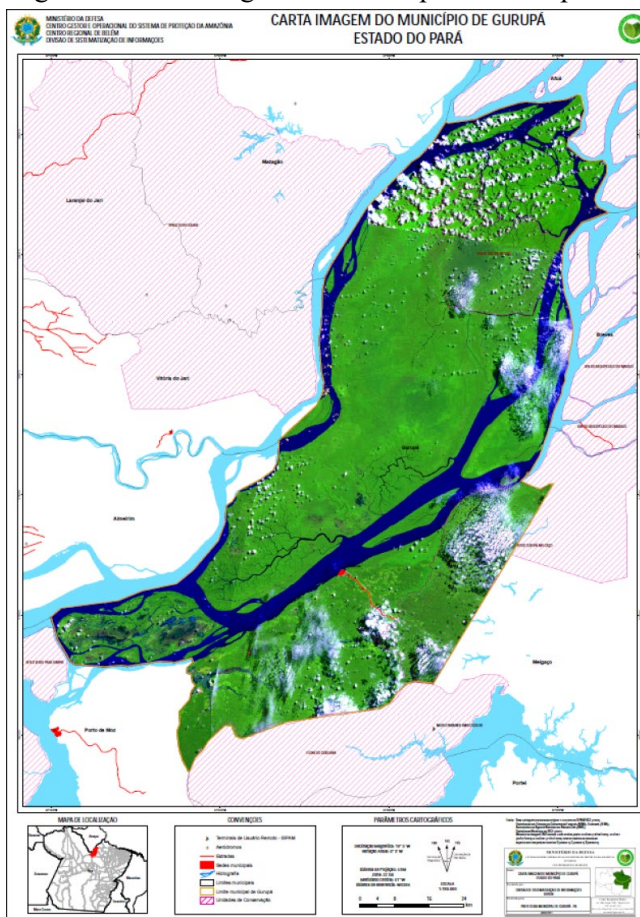
Figura 1: Localização de Gurupá.



Fonte: IBGE. Cidades e Estados – Gurupá (PA). Rio de Janeiro: IBGE, 2025

Gurupá é um município paraense localizado na Amazônia, a cerca de 350 km de Belém e 360 km de Santarém, integrando a mesorregião do Marajó, também conhecida como “Região das Ilhas” ou “Marajó das Florestas” (Ferreira, 2003, apud Pace; Lima, 2024, p. 36). Situado no estuário do rio Amazonas, ocupa uma área de 9.309 km², na junção dos rios Xingu e Amazonas. Nesse território, o Amazonas se divide em dois canais que formam o arquipélago do Marajó, onde se destaca a Ilha Grande de Gurupá, a segunda maior do delta amazônico, com quase 5 mil km². É nessa ilha que se encontra o Forte de Santo Antônio, construída em 1623 pelos portugueses e hoje restaurada, funcionando como patrimônio histórico e espaço de memória de encontros entre diferentes trajetórias indígenas, holandesas, inglesas, irlandesas, portuguesas e luso-brasileiras.

Figura 2: Carta Imagem do Município de Gurupá



Fonte: SIPAM – Sistema de Proteção da Amazônia

O município não possui ligação rodoviária direta com grandes cidades, apenas alguns ramais abertos por madeiras que alcançam a Rodovia Transamazônica. Dispõe ainda de uma pista de pouso para pequenos aviões, mas o acesso principal continua sendo o transporte fluvial: viagens de barco que levam de 24 a 30 horas partindo de Belém, ou cerca de 12 horas desde Macapá. A população é estimada em 33,7 mil habitantes, distribuída entre a sede municipal (33%) e as comunidades rurais (67%), localizadas às margens de rios como Ipixuna, Mararú, Moju, Marajoí, Pucuruí, Jocojó e Gurupá-Miri, distribuídas em comunidades ribeirinhas, que dependem sobretudo da pesca artesanal, do extrativismo vegetal e da agricultura de subsistência (IBGE, 2020 apud CÂMARA MUNICIPAL DE GURUPÁ, 2023). Aproximadamente 70% do território é formado por várzeas, sujeitas às cheias e vazantes sazonais do rio, o que influencia diretamente o modo de vida local. Gurupá também abriga distritos, reservas ambientais (ICMBio, 2018) e territórios quilombolas reconhecidos, administrados por associações comunitárias. Historicamente, foi ainda base de expedições de captura e escravização de povos indígenas, processo que provocou deslocamentos forçados e

contribuiu para a diversidade cultural e material encontrada na região marajoara.

Na década de 1940, o catolicismo romano era a religião dominante em Gurupá (Wagley; Galvão apud Pace; Lima, 2024, p. 268). Hoje, a realidade é mais diversa, com destaque para o avanço dos evangélicos, que em 2010 representavam 12,1% da população, além de grupos menores como a Igreja Católica Apostólica Brasileira, Testemunhas de Jeová, Adventistas e pessoas sem religião (IBGE, 2012).

Naquele período, a vida religiosa estava organizada em Irmandades e em suas folias, que reuniam música, devoção e instrumentos como tambores, guizos e raspadores (Wagley, 2014, apud Pace; Lima, 2024, p. 275). Galvão (1955, apud Pace; Lima, 2024, p. 275) registrou quatorze festas de santos, sendo a de São Benedito a mais importante, com a maior irmandade e grande repercussão regional. O sincretismo religioso em Gurupá revela-se de forma intensa na devoção a São Benedito, santo padroeiro da cidade. Estudos situam sua origem no século XVIII, ligada às missões católicas, mas relatos orais também relacionam a festa à abolição da escravidão, possivelmente em 1888 (Kelly, 1984; Salles, 1988).

O encerramento das celebrações em Gurupá era marcado pelo gambá, dança coletiva realizada em círculo anti-horário, com passos curtos e ritmados ao som dos instrumentos da folia. Apesar de sua origem pejorativa, associada ao gambá preto, a dança dialoga com práticas afro-brasileiras, como as canções e rituais do Candomblé (Figueiredo; Carvalho, 2019). Para Callado (2013), o gambá tem raízes africanas, trazido por escravizados ao Pará, e com o tempo tornou-se símbolo cultural da região, especialmente em Gurupá, Porto de Moz, Almeirim e Aveiro (Callado apud Pace; Lima, 2024, p. 284). Nesse contexto, como observa Santos (2022), as folias de São Benedito representam a fusão entre a herança católica e as práticas culturais afro-brasileiras: foliões utilizam tambores, pandeiros, reco-recos e caixas — instrumentos de origem africana que se incorporaram ao ritual — conferindo ritmo, musicalidade e vitalidade popular. Assim, “a folia não se reduz a uma celebração religiosa, mas se projeta como manifestação cultural, onde o som dos tambores e das caixas se funde às rezas, reafirmando uma identidade sincrética” (Santos, 2022), sintetizando universos simbólicos católicos, africanos e amazônicos em um único ato festivo-religioso.

O artigo de Santos (A Sincretização Euráfrica na Construção da Identidade Religiosa de Gurupá, 2022) observa que, nas folias de São Benedito, ocorre a fusão entre a herança católica e práticas culturais afro-brasileiras, em que os foliões utilizam tambores, pandeiros, reco-recos e caixas, instrumentos de origem africana que se incorporaram ao ritual, dando-lhe ritmo, musicalidade e vitalidade popular. Como aponta o autor, a folia não se reduz a uma celebração religiosa, mas se projeta como manifestação cultural, onde o som dos tambores e

das caixas se funde às rezas, reafirmando uma identidade sincrética (Santos, 2022, p. 361). Assim, o festejo sintetiza a sobreposição de universos simbólicos, católico, africano e amazônico, em um único ato festivo-religioso.

1.3. E minhas segundas casas

O Quilombo Gurupá-Mirim integra um conjunto de comunidades quilombolas localizadas no município de Gurupá, no estado do Pará. Essas comunidades foram oficialmente reconhecidas pelo Instituto de Terras do Pará (Iterpa) em 20 de julho de 2000, dentro de uma área coletiva de mais de 83 mil hectares, que abriga aproximadamente 300 famílias. O território inclui, além de Gurupá-Mirim, outras localidades como Alto Ipixuna, Bacá do Ipixuna, Jocojó, Camutá do Ipixuna, Carrazedo, Flexinha e Alto Pucuruí, todas unidas pelo reconhecimento como remanescentes de quilombos e pela preservação de práticas culturais e modos de vida tradicionais.

A colonização dessas comunidades surgiu através de lutas e medo. A cidade de Gurupá guarda uma praça conhecida como “Praça Mariocay”, onde, há muitos anos, existiu uma aldeia de indígenas escravizados. Esses povos, assim como os quilombolas que foram levados à cidade, buscavam fugir da escravidão e encontrar meios de sobrevivência livre. Seguindo em direção ao mato, abriam pequenas trilhas, acampavam e se escondiam para evitar o contato com os grupos dominantes da época. Dessa forma, foram ocupando os territórios que hoje correspondem a Gurupá-Miri e Axiquara. Gurupá-Miri conta com abundância de água, enquanto Axiquara é marcada pela terra firme, sendo necessário percorrer um caminho por ponte e canoa até alcançar o rio que se conecta a outros afluentes.

Axiquara é uma comunidade menor, formada por apenas cinco famílias, mas integrada ao coletivo com Gurupá-Miri. O acesso se dá por uma estrada a partir do mesmo, com aproximadamente 2,5km entre as áreas. As famílias que vivem em ambas as localidades pertencem à mesma linhagem, incluindo a mim, e mantêm constante interação, participando dos festejos comunitários (sendo São Tomé o santo mais celebrado), além de jogos de futebol e outras atividades. Apesar da proximidade, respeitam os limites de suas terras demarcadas.

A vida cotidiana gira em torno da agricultura (mandioca para farinha e tapioca, além de frutas variadas), da pesca (peixe e camarão) e da coleta do açaí, tanto para consumo quanto comercialização em Gurupá e em outras localidades.

A chegada da energia elétrica, em 2017, transformou significativamente o cotidiano, trazendo maior acesso à informação, melhorias na qualidade de vida e aproximação com o

mundo urbano, sem, contudo, apagar as marcas identitárias locais. Antes disso, lembro-me que a energia vinha de um motor que funcionava diariamente das 18h às 22h/22h30min. Era nesse horários que carregávamos os celulares (os antigos modelos de botão, como os Nokia, ou aquele celular com um símbolo de guitarra atrás), assistíamos televisão e batiam açai. Esse momento também reunia a família na sala ou na cozinha.

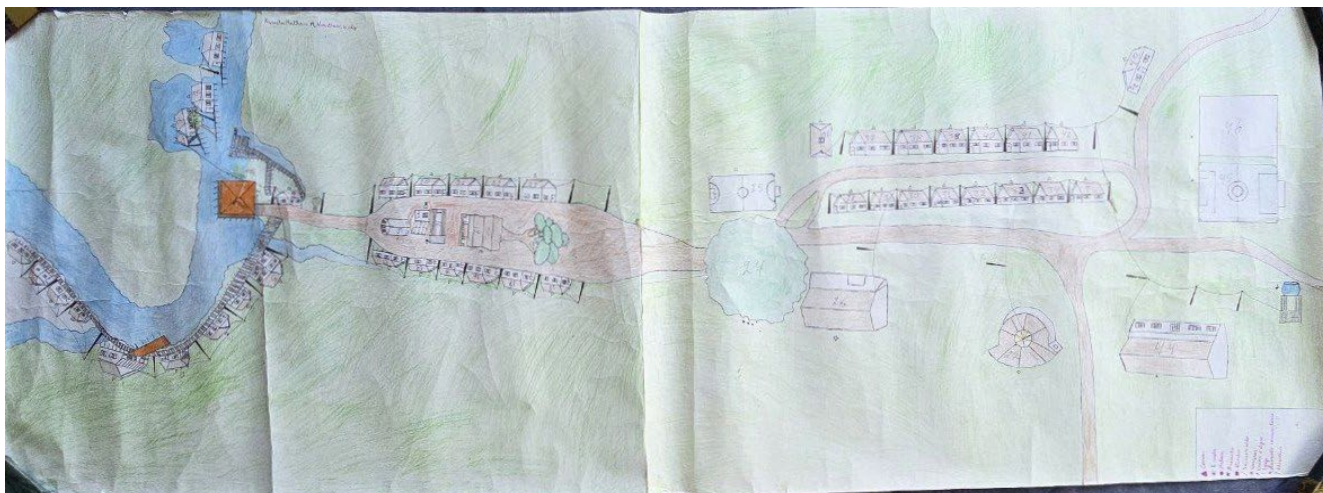
Na Axiquara, as manhãs eram marcadas por brincadeiras como correr no terreiro, balançar nos cipós das árvores, jogar bola no campo, brincar de peteca e, sobretudo, ajudar nas atividades da roça. A mandioca colhida era levada para a “casa de forno”, espaço comunitário onde se produzia farinha e tapioca de maneira coletiva e rotativa: em um dia, a família A fazia sua produção com auxílio das famílias D e E, no outro, era a vez da família C, apoiada por A e B, e assim sucessivamente.

Com o avanço da tecnologia, hoje é possível conversar com qualquer pessoa via Wi-Fi por satélite. Entretanto, nos primórdios do celular nessa região, por volta de 2010, o sinal só era encontrado em um ponto específico, como na raiz de uma samaumeira¹ que ainda existe em Gurupá-Miri. Moradores se reuniam ali, sentados por minutos ou até horas, em busca de conexão para fazer ligações ou acessar o Facebook, a rede social popular da época.

De acordo com Marina Castro (2024), o território amazônico pode ser compreendido como um espaço social relacional, atravessado por dinâmicas de socialidade que desafiam os modelos urbanos clássicos. Em vez de centralidades rígidas, o que se observa são redes de trocas, de parentesco e de circulação de saberes e afetos. Gurupá-Miri se insere nesse contexto como um espaço “poroso”, em que o rio e a estrada não separam, mas conecta.

¹ A samaumeira (*Ceiba pentandra*) é uma árvore de grande porte típica da Amazônia, considerada uma das maiores espécies da floresta tropical, possuindo raízes expostas chamadas sapopemas, além de sementes envoltas em uma paina que se dispersa com o vento.

Figura 3: Mapa de Gurupá-Miri



Fonte: Manoel Alex

Figura 4: Locais dispostos do mapa.



Fonte: Manoel Alex

O mapa acima, ilustrado por Manoel Alex, foi criado em uma atividade escolar na própria comunidade do Gurupá-Miri. O objetivo era mapear, desde o porto hidroviário até o campo de futebol. A “descoberta” do referido mapa aconteceu durante as entrevistas com Hermes. Enquanto conversávamos sobre o espaço e o terreno, sua nora, Ataiane, mencionou

que sua prima tinha um mapa da localidade guardado e que poderia servir para o meu trabalho. Após o comentário, a mesma logo enviou uma mensagem no Whatsapp para sua prima “Drica”, que logo respondeu concordando em ceder a imagem para mim. Após a entrevista, fiz o percurso de moto Axiquara-Gurupá-Miri e registrei o mapa.

Com o passar do tempo e o aumento das demandas e preocupações diárias, a minha frequência das idas a Gurupá tornou-se menor. A viagem, que inicialmente ocorria a cada seis meses, passou a ser anual e, gradualmente, e infelizmente, foram-se quatro anos sem visitas à cidade e ao interior, sem contato com parte da família e, dependendo do ano, sem a presença dos meus pais. Em função da mudança precoce, minha maturidade precisou se desenvolver prematuramente. No ano de 2016, aos 16 anos, iniciei um novo capítulo de vida, acompanhado de sentimentos velados que até então não haviam sido questionados: a ausência de experiências cotidianas, como o contato com o rio, com os sons e cheiros característicos da floresta e com os encontros coletivos, tornou-se um marcador de saudade e de distanciamento simbólico.

Como aponta Marina Castro (2024), a memória sensorial é um dispositivo potente de inscrição do território no sujeito: “o cheiro da terra molhada, o som do remo batendo na água ou o gosto da comida feita no fogão a lenha não são apenas recordações, mas formas de viver o tempo e o espaço”. Recordo-me de momentos em que caminhava por Belém, utilizando transporte público em diferentes horários, passando por locais como a Praça da República, o Bosque Rodrigues Alves, o Museu Emílio Goeldi e o Mangal das Garças. Ao ouvir o murmúrio produzido pelos ramos e folhas ao serem movimentados pelo vento, experimentava uma sensação de calma e paz, como uma fuga momentânea do som urbano que abafava os sentidos no cotidiano. As visitas aos museus e ao bosque, o som dos animais, os pássaros nas árvores, os macacos pulando, o cheiro do petricor (aroma que emerge quando gotas de chuva atingem o solo seco) despertavam saudade e memórias guardadas no meu peito. Ademais, a ausência do rio, com seu som e a experiência de mergulhar, flutuar e perceber o tempo passando com o engelhar dos dedos, também se fazia presente na memória afetiva. A memória não se organiza apenas por fatos e datas, mas por sensações: sons, cheiros, texturas e imagens que se inscrevem nos corpos e reaparecem com intensidade em momentos específicos.

Após a provocação da docente, de usar sar o próprio local no TCC como campo etnográfico a partir das memórias, experienciei um intenso retorno de nostalgia, percebendo o quanto eu havia negligenciado minha própria história, seja por vergonha em razão de bullying e xenofobia sofridos por colegas de classe, seja pela tentativa de me aproximar de uma identidade urbana. Durante o percurso acadêmico, percebi, com maior maturidade, a relevância da história indígena e quilombola, frequentemente abordada, mas concentrada em contextos

próximos a Belém, o que me causava incômodo. Observei também, a partir da conveniência presente, que muitos discentes e docentes tinham um conhecimento nichado e acomodado sobre a Amazônia que se localiza ao redor da Cidade das Mangueiras. Quando pude me afastar desse meio que eu também estava inserido, pude discernir a respeito e me questionar: Por que a história que é falada e mostrada era sempre dos locais próximos? E por que ninguém questiona ou pergunta sobre? E, vivendo a faculdade, percebe-se o quanto a conveniência faz parte da rotina.

A partir dessas experiências, formulou-se a pergunta de pesquisa: De que forma a memória sensorial pode revelar modos de habitar, sentir e lembrar o lugar em contextos rurais, como Gurupá-Miri? Essa questão orientou a organização das minhas ideias e a definição do objetivo principal: investigar como os moradores de Gurupá-Miri constroem e expressam suas memórias sensoriais e afetivas, articulando elementos da etnografia rural e da antropologia visual, adotando uma abordagem em que o pesquisador é parte integrante da experiência vivida. A pesquisa enfatiza a percepção do lugar pelos sentidos (cheiros, sons, sabores, imagens e texturas) e a construção de pertencimento e identidade territorial.

Os objetivos específicos da pesquisa foram definidos como: a. Mapear as memórias sensoriais (cheiros, sons, imagens, sabores, texturas) associadas ao cotidiano e ao território pelos moradores; b. Compreender os sentimentos de pertencimento, saudade e identidade territorial que emergem dessas memórias; c. Explorar o papel da imagem (fotografias, vídeos, desenhos) como recurso metodológico e expressivo da antropologia visual; d. Refletir sobre a posição do pesquisador como participante da comunidade e da experiência sensorial.

Para a metodologia, a pesquisa foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada na etnografia sensorial e na antropologia visual, reconhecendo que eu, enquanto pesquisador, me insiro como parte da experiência vivida e não como um observador externo. Como destaca Rocha e Eckert (2008), o método etnográfico implica a convivência prolongada com o grupo social estudado, através da observação participante, das conversas informais e das entrevistas, em um processo de intersubjetividade no qual “o pesquisador ou a pesquisadora passa a ser objeto de observação” (Rocha; Eckert, 2008, p. 36). O objeto desta pesquisa consiste nas memórias sensoriais e afetivas dos moradores de Gurupá/Gurupá-Miri, compreendendo como os sentidos e as experiências cotidianas contribuem para a construção de identidade e sentimento de pertencimento de seu local. A escolha por estudar a memória sensorial e afetiva surge da necessidade de compreender a dimensão subjetiva da experiência cultural em Gurupá-Miri, possibilitando registros que transcendem o verbal e capturam sensações, afetos e sentidos presentes na vida cotidiana.

Tal perspectiva escolhida é fundamental para esta pesquisa, uma vez que a memória sensorial dos moradores e do pesquisador se manifesta em dimensões não apenas narrativas, mas também afetivas e simbólicas, baseadas em sua riqueza cultural e histórica, permitindo tais investigações. A etnografia, nesse sentido, não se limita à coleta de informações, mas constitui-se como um esforço interpretativo. Geertz (1978, p. 15) descreve a prática etnográfica como a elaboração de uma “descrição densa”, na qual o pesquisador busca compreender as estruturas de significado que sustentam os gestos, as falas e os rituais cotidianos, interpretando-os do ponto de vista dos interlocutores.

O planejamento da pesquisa incluiu minha viagem à cidade após quatro anos sem visitas. A primeira etapa consistiu na organização de entrevistas, definidas como entrevistas qualitativas com poucos participantes, conduzidas de forma conversacional e com perguntas prontas, destinadas a revelar perspectivas, experiências, sentimentos e significados atribuídos pelos indivíduos a um tema específico (Rutledge; Hogg, 2020, p. 1). Minayo (2010, p. 108) ressalta que essa técnica é fundamental na pesquisa qualitativa, pois permite apreender a visão de mundo dos sujeitos em sua própria linguagem e categorias de pensamento, valorizando sentidos e significados atribuídos pelos participantes.

Tendo minha mãe como ponte, entrei em contato com cinco participantes, selecionados em locais semelhantes, mas cujas idades e vivências se diferenciavam pelas épocas e experiências de vida. A segunda etapa consistiu na organização da viagem, considerando o tempo necessário para deslocamento, recursos financeiros, roupas, rede, cordas e materiais necessários para a realização das entrevistas, como memória do celular, tripé, luz e microfone. A terceira etapa envolveu a locomoção entre cidade e interior, bem como a escolha dos locais para gravação, determinados pelos próprios participantes, de acordo com significados pessoais atribuídos a cada espaço.

O trabalho de campo foi estruturado a partir de três técnicas principais: entrevistas semi-estruturadas com moradores, registro audiovisual de forma mobile e observação participante. As entrevistas me permitiram organizar livremente meu relato, possibilitando, como observa Travancas (2006), eu acessasse não apenas dados biográficos, mas também as lógicas culturais e as memórias de vida (Travancas, 2006, p. 106). O projeto assume, assim, uma abordagem comunicacional que se justifica pela habilidade do audiovisual em traduzir sensações, estimular empatia e romper visões hegemônicas. A proposta consiste na produção de um minidocumentário através das lentes do celular capaz de revelar o cotidiano de Gurupá-Miri, com ênfase nos afetos e nas experiências sensoriais que compõem o lugar. Como defendem Pink (2009) e Ingold (2015), a pesquisa sensorial e a antropologia visual permitem dar

visibilidade às narrativas locais e estimular novas formas de compreensão dos territórios. Dessa forma, este trabalho busca valorizar a memória e o pertencimento, ao mesmo tempo em que se contrapõe a estigmas que ainda marcam as representações sobre comunidades amazônicas.

Por fim, a observação participante foi central na investigação, uma vez que eu, o pesquisador, descendente de quilombola e indígena, compartilho de experiências históricas e culturais com a comunidade pesquisada. Esse envolvimento não deve ser entendido como uma perda de distanciamento, mas como um recurso para promover uma escuta mais sensível e uma imersão que considere os afetos e as interações cotidianas como parte constitutiva da produção de conhecimento. Nesse sentido, a metodologia adotada reforça a compreensão de que “a antropologia é uma ciência da escuta” (Travancas, 2006, p. 107). Assim, a combinação entre etnografia sensorial e antropologia visual permitiu investigar como os moradores de Gurupá-Miri constroem e expressam suas memórias sensoriais e afetivas, revelando os modos de pertencimento e identidade territorial inscritos nas práticas cotidianas, nos afetos e nos sentidos que atravessam a experiência do lugar.

2. ROTEIRO EM CENA: PLANEJAMENTO E ENTREVISTAS

2.1. PRÉ-PRODUÇÃO

A primeira parte deu-se na organização do seguinte cronograma:

Tabela 1: Cronograma

Etapa	Atividade
1 – Organização inicial	Definição do tema final e objetivos de pesquisa
	Levantamento bibliográfico inicial
	Formular perguntas para os entrevistados
	Entrar em contato com os entrevistados
2 – Revisão bibliográfica	Leitura e fichamento de textos principais
3 – Metodologia e campo	Finalização da metodologia escrita
	Realização das entrevistas abertas
	Registro audiovisual em campo
	Transcrição e organização do material

Fonte: Elaborado pelo autor

Após a definição do tema, dos objetivos da pesquisa, e da pesquisa referencial, com a ajuda da própria justificativa do trabalho, pretendeu-se propor perguntas que trouxessem uma abordagem sensível e crítica sobre as dinâmicas da memória e do pertencimento. A partir daí, surgiram as seguintes perguntas, divididas em quatro partes, que seriam feitas igualmente para todos os entrevistados:

- *PARTE 1 – Memórias de infância e cotidiano*

Objetivo: Estimular o contato com as lembranças mais afetivas e fundadoras.

Você pode me contar um pouco da sua história aqui em Gurupá-Miri? Desde quando você vive aqui?

Como era sua infância aqui? O que você mais gostava de fazer?

Quais lugares daqui você lembra com carinho ou saudade?

Como era o dia a dia da sua família (na infância, juventude)?

Tem alguma lembrança marcante que sempre volta à sua cabeça?

- *PARTE 2 – Memória sensorial*

Objetivo: Evocar sensações: cheiros, sabores, sons, imagens e texturas. Se você fechar os olhos agora, que cheiro vem à sua memória quando pensa em Gurupá-Miri?

E os sabores? Tem alguma comida ou bebida que te lembra muito esse lugar?

Quais sons você associa à sua vida aqui? (barco, chuva, bichos, festa, rádio, etc.)

Que imagens ou paisagens vêm à sua cabeça quando pensa no interior?

Tem algum objeto, planta, rio ou espaço que você sente como parte da sua história?

Cheiro: qual cheiro você mais sente aqui?

- *PARTE 3 – Pertencimento e mudança*

O que significa, para você, “pertencer” a Gurupá-Miri?

O que você sente quando está fora daqui? E quando volta?

Você acha que o lugar mudou com o tempo? O que mudou mais?

E as pessoas, os costumes e os modos de viver: você acha que continuam os mesmos ou também mudaram?

Na sua opinião, o que é mais importante preservar da vida aqui?

- *PARTE 4 – Imagem e representação*

Objetivo: Pensar a autoimagem da comunidade e sua representação externa.

Se você pudesse mostrar Gurupá-Miri para quem nunca veio aqui, o que você mostraria primeiro?

O que as pessoas de fora geralmente não entendem sobre esse lugar?

Se você tivesse uma câmera na mão agora, o que gostaria de filmar ou fotografar daqui?

Tem alguma história ou imagem que você gostaria que não fosse esquecida?

Com as perguntas estabelecidas, o contato com os entrevistados ocorreu através de contato pelo Whatsapp por mensagens de texto e ligações para saber a disponibilidade do eminente entrevistado na data na qual o autor/entrevistador estivesse na cidade gravar - entre os dias 24 a 31 de julho de 2025 - definindo horários e explicando a proposta do trabalho, enviando previamente as perguntas para quem as quisesse (os dialogados Arlete e Hermes preferiram ouvir as perguntas apenas na hora da gravação) e definindo os locais para cada um deles, onde cada um teve a liberdade para escolher seu local de entrevista. Desde o primeiro contato, todos aceitaram sem nenhum empecilho. Os entrevistados Arlete, Edir e Hermes,

residentes de Gurupá-Miri e Axiquara, respectivamente, foram contactados através de ligação. Os entrevistados Akon e Cássia, residentes em Gurupá, foram contactados através de mensagens no Whatsapp. Apesar de serem as mesmas perguntas, cada entrevistado respondeu-as de forma pessoal e particular, baseando-se em suas vivências.

2.1.1. VIAGEM E CHEGADA A GURUPÁ

No dia 22 de julho, já com as malas prontas, saio de casa, na Sacramento, às 14h30, no carro do meu cunhado e acompanhando de meu pai, rumo ao barco Rondônia, num porto localizado na Avenida Pedro Álvares Cabral, ao lado da Concessionário Ford Fênix, no bairro do Umarizal. Ao chegar, o frio na barriga: viajaria sozinho depois de quatro anos. Minha família e amiga só poderiam viajar na quinta-feira, dia 23. Tirei as malas do carro, carreguei, entrei no barco - que estava com carros, motos e outros utensílios dos passageiros, e subi as escadas para comprar a passagem. Enquanto eu aguardava na fila, meu pai subia com minha mochila para já atar minha rede, tendo em vista a quantidade de pessoas já instaladas no barco e as demais que estavam na fila. Em seguida, subi as escadas para o segundo andar do barco, para a área climatizada - com um ar-condicionado ligado o tempo inteiro -, local que meu pai havia atado minha rede. Era o local com mais espaço e com um conhecido dele que poderia observar minhas coisas nos momentos que eu precisasse ir ao banheiro, comer ou ir ao bar do barco. Nos despedimos, por volta das 15h30 da tarde e então, eu fiquei na minha rede aguardando o navio sair.

Às 18h13, o navio buzinou, e às 18h20, ele saiu de Belém. Nesse momento, saí correndo para o bar afim de matar a saudade de velejar e observar a cidade enquanto me afastava. Liguei para os meus pais, que me desejaram boa viagem, e em seguida, fui tomar banho, assistir a filmes que havia baixado no celular e dormir. Por volta das 06h40 do dia 23, levanto, ansioso e tímido para tomar café. Já nem me lembrava como era, perguntei para uma moça e descí as escadas, até o primeiro andar e já avistei a fila do café. Enquanto esperava na fila, um homem se aproxima de mim, era um chinês, cujo nome eu não lembrei de perguntar, e começamos a conversar, em português e inglês, e percebo que ele está tão perdido quanto eu. Conversamos até a fila para comprar o café, enquanto eu traduzia as informações para ele, e depois, cada um tomou seu café e nos despedimos. Tinha esquecido o quanto uma viagem de barco é um momento para conhecer pessoas de todo o Brasil e do mundo, no qual, você conversa, conhece e até viaja junto da companhia da pessoa. O café estava ótimo. Era um café completo com leite, pão com queijo e presunto, banana e mamão. Lembro que, após toda a trajetória da faculdade, comparei a viagem de navio como uma grande Universidade Pública, com uma diversidade de

pessoas e um Restaurante Universitário com horários definidos. Após isso, escolhi ficar na minha rede, apenas apreciando a vista, a bela paisagem verde de árvores que nos acompanhavam, junto de algumas balsas, navios e outros barcos menores que passavam, indo para os mais diversos locais do Pará e Amapá. Entre o almoço, 11h e 13h, e o jantar, 18h e 19h30, pude subir até o bar, local que todos escolhem ver o pôr do sol e socializarem, comerem, beberem ou fumarem. A vista é mais magnífica com as ilhas iniciando e findando, e o sol se pondo no horizonte, enquanto o navio navega entre elas.

Cheguei no porto de Gurupá por volta das 23h da noite, numa quarta-feira, a cidade, já adormecida. A sensação de rever os locais, de descobrir os novos e de lembrar onde era tal coisa e hoje funciona outra coisa. Ao chegar em casa, a emoção bateu forte: a sala, o corredor, a cozinha, o quintal, meu antigo quarto, com o armário que eu tinha desde criança. Um mix de sensações tomou conta, mas o sentimento que prevalecia, era a felicidade de estar ali novamente. Ao amanhecer, eu ainda sozinho na cidade, fui caminhar com a moça que mora na minha casa e lembro de pensar: “A cidade encolheu?”. Tudo parecia tão pequeno e próximo. Seis quarteirões foram percorridos rapidamente. Parei e pensei “Tô tão acostumado com os longos quarteirões de Belém que havia me perdido a noção desse espaço. Ao retornar após um longo tempo, percebi mudanças significativas nas práticas cotidianas, nos sons da cidade, no uso dos espaços públicos. Nesse dia, lembro de ter voltado no tempo e imaginado as inúmeras vezes que pensava que a distância de minha casa para a Igreja Matriz era quase que impossível de se chegar andando.

A sensação de familiaridade estava ali, mas atravessada por estranhamentos, uma experiência que remete ao conceito de Gilberto Velho (1994) sobre a necessidade de “estranhar o familiar”, de tomar distância crítica sobre o que nos parece óbvio para que possamos compreendê-lo de forma mais profunda e situada. À noite, haveria o último dia de festejo da Comunidade que eu frequentava, o festejo de Sant’Ana, cuja comunidade recebe o mesmo nome. Foi o momento de rever mais conhecidos, reviver minha infância católica e assistir a folia após anos. Nessa mesma noite, minha família chegou na cidade. Sendo assim, na sexta de manhã, me preparei para a viagem, rumo aos primeiros entrevistados.

Quadro 2: Entrevistados

Nome	Idade	Localidade	Local da gravação
Arlete Correa	61	Gurupá-Miri	Voadeira da família

Hermes Viana	76	Axiquara	Ponte e plantio
Edir Pantoja	75	Gurupá-Miri	Residência
Akon Pantoja	14	Gurupá	Quintal da casa da tia
Cássia Benathar	51	Gurupá	Forte de Santo Antônio

Fonte: Elaborado pelo autor

2.2. PRODUÇÃO

Os 3 primeiros entrevistados, moradores da área ribeirinha e de terra, foram entrevistados entre os dias 25 a 27 de julho de 2025. Nos dias 28 e 30 do mesmo período, aconteceram as entrevistas dos moradores da cidade. Por ser uma cidade pequena, quase todo mundo se conhece em Gurupá, o que facilita o contato pessoal, a conversa e o conhecimento a respeito da história de cada família. Em Gurupá-Miri, a localidade é formada exclusivamente por meus parentes, próximos e distantes. Convivi com eles minha infância toda, ia nas casas nos festejos de São Tomé, conversava quando íamos para a quadra de jogos e quando visitavam minha casa em Gurupá. Na Axiquara, a parte mais próxima da família, minha infância era dividida entre esse local e a casa do meu avô.

A estadia foi envolvida com emoção, afeto e saudade. Estar com meu avô, minha tia, meu tio, o som do rio, o som do ronco da rabeta navegando, o som do silêncio que permitia ouvir o grito dos papagaios ao entardecer enquanto migravam de uma árvore para outra, o grito das Guaribas no pôr do sol, o Pica-Pau batendo nas árvores, os macacos pulando nos galhos das árvores, os grilos na escuridão, observar o rio secando e enchendo sempre nos horários certos, e os inúmeros e diferentes sons de pássaros e do murmúrio das árvores.

No dia 25 de julho, às 09h42 da manhã, embarquei na catraia, junto de meu avô e amiga (e minha ajudante durante as entrevistas), Vitória Launé, rumo a casa do mesmo, que reside em Gurupá-Miri, tornando mais fácil meu encontro com os entrevistados. Uma viagem que dura, numa rabeta, em torno de 40 minutos a 1 hora, aproximadamente. Ao longo da viagem, pude matar a saudade da vista, do ronco do motor, a vista da frente da cidade e o caminho que se forma entre o caminho de ilhas que é percorrido até o destino. Às 10h30, chegamos a casa do meu avô. Após, desembarcamos, logo separei o equipamento de gravação (luz, tripé, carregador portátil e microfone) para mais tarde, encontrar a primeira entrevistada.

Por volta 16h30 da tarde, atravessando o rio, brevemente, de casco, da casa do meu avô até o porto do povoado de Gurupá-Miri, seguimos, através de uma ponte de madeira que

conecta as casas que construídas na beira do rio até a área de terra, para a casa da primeira entrevistada, Arlete Correa, de 61 anos. Minha tia de segundo grau, cujo contato sempre foi cordial e agradável, mas nunca tão íntimo até o dia da entrevista.

Ao chegarmos, bato na porta e já me deparo com tios e primos que não via há anos. Todos surpresos e felizes, assim como eu, e já começo a pedir benção e abraçar a todos, contanto meu objetivo ali e prometendo voltar o quanto antes. Ao adentrar a casa, vejo Arlete, deitada numa rede de cor verde musgo, de olhos fechados, em sua sala que comporta uma TV, dois sofás e uma cadeira de balanço, com um ventilador direcionando o ar para a mesma. Ao me ver entrando, ela senta na rede, me cumprimenta e pede para que eu sente no sofá atrás de mim. Em seguida, ela se levanta, me oferece um copo de água e me pede um momento para trocar de roupa e se maquiar.

Passados uns 15 minutos, ela retorna à sala, na qual esperei conversando com Vitória e brincando com um gato que havia na casa, e eu a questiono o local que ela escolheu para ser entrevistada. Logo me surpreendo com o local escolhido para a entrevista: uma lancha/voadeira da família, que estava atracada em frente a sua casa, que para ela, simbolizava movimento e agilidade. Os demais locais escolhidos para a entrevista foram um banco, em frente a sua casa, e uma breve caminhada na ponte que conecta as casas. A representação da voadeira significa um passado (no qual era caminhando, carregando e remando) e um futuro (rapidez, fluidez e modernidade), visto que, segundo ela, a sua vida sempre esteve em constante movimento e transformação, principalmente por morar numa área ribeirinha, e seu banco, por ser o local que a mesma avista a paisagem nos fins de tarde. As gravações com a mesma levaram em torno de 2h30min, finalizando-as por volta das 18h20 da tarde, observando o pôr do sol.

No dia 26 de julho, após atravessar o rio, às 09h13, numa manhã bastante ensolarada, inicio minha jornada até Axiquara, atravessando Gurupá-Miri, num caminho de 2,5 km entre ambos os locais, num trajeto feito na moto de marca Bis do meu tio, o qual, levava eu e Vitória até nosso destino, a casa de Hermes, de 76 anos, o segundo participante, meu tio e uma das casas que foram o cenário de minha infância por muitos anos. Ao chegar em sua residência, fui recebido por Ataiane, nora de Hermes, com um abraço caloroso de quem não se me via há quase sete anos, em seguida, encontro mais tios e tias que não via há anos. Uma sensação de nostalgia me inunda, e, como de praxe, começo a pedir a benção de todos. A casa possui uma área aberta, na parte de trás, onde possui uma mesa, com café, bolacha, Nescau, água e beiju, uma pia com dois lugares e um fogão a lenha. Pego uma cadeira e me sento junto deles, e logo conto o objetivo da visita breve e repentina.

Sem perder muito tempo, com uns 10 minutos de conversa, Hermes logo me diz que selecionou seu plantio e uma ponte como paisagens para sua entrevista-espacos, estes que contrastam diferentes fases de sua trajetória. Fomos caminhando, enquanto ele já respondia as perguntas buscando em sua memória os trajetos de sua infância até a maior idade, caminhando até o primeiro espaço: a ponte. Tal ponte, ainda em construção, leva até uma área de igarapé que eles denominam de “Baixinha”, esse, que por sua vez, leva até o rio. Ao chegar no final da ponte, encerrou-se a primeira parte da entrevista.

A próxima parte da entrevista loca-se em seu plantio, localizando a alguns metros na estrada principal que conecta os povoados da região. Caminhando, com o sol de 11h nos seguindo, enquanto os dois se escondiam com uma sombrinha preta, eu caminhava, naquela estrada de terra amarela, observando o caminho e a mata que eu tanto corria na infância, sentindo a terra sujar minha sandália e meus pés e som queimando minha pele, ao mesmo tempo que as árvores produziam ventos tão gostoso que levavam o cansaço do momento. A escolha de seu plantio e uma ponte, significavam os espaços que contrastam diferentes fases de sua trajetória.

A ponte, o caminho pelo qual ele saía da localidade, tendo em vista a distância para o acesso ao rio em Gurupá-Miri, era o local que ele mais frequentava, junto de seu pai, para pescar, se banhar e viajar. O plantio, o futuro, por sua ligação direta com a preservação ambiental, a ideia do plantio e continuar devolvendo para a terra o que o mesmo tira para consumo, além de ser o modo de renda para a família. Nossas gravações duraram cerca de 03h30min, com meu tio chegando às 12h para nos levar até o trapiche para atravessar o rio e retornar para casa.

Edir, o terceiro entrevistado, e meu avô, de 75 anos, escolheu sua própria residência como local para a entrevista, local esse que convivi por pouco tempo. No passado, meu avô morava na chamada “Ilha Redonda”, numa casa que ficava entre Gurupá e Gurupá-Miri. Minha infância, de fato, deu-se nesse local, na antiga residência de meu avô. Era uma única casa, a dele, rodeada de mato e água, com uma ponte de madeira que ia da porta de sua casa até o rio, onde eu, meus primos, minhas irmãs e minha família tomávamos banho todos os dias durante anos. Infelizmente, eles precisaram se mudar devido a constantes assaltos sempre que começaram a ocorrer sempre que a família saía de casa.

Como ele, gravamos cenas em diferentes cômodos da casa, entre os horários de 16h e 16h30 da tarde, do dia 27 de julho, tendo em vista o terreno ao redor cercado de mato, o sol já mais fresco, e, ao lado, a casa de seu filho, também cercada de árvores.

A casa, local que ele passa metade do seu dia, é o espaço que o mesmo considera seguro, seja pelo acolhimento, aconchego e paz, seja pela floresta ao redor de sua casa, contando no relógio o tempo e a hora da maré baixa, para se infiltrar na mata e caminhar o máximo possível, que, segundo ele, é importante para verificar o local, seu terreno e se conectar com a natureza.

De volta a Gurupá, no dia 28 de julho, Akon, estudante, o quarto e mais jovem participante, de 14 anos, e meu primo, indicou o quintal da casa de sua tia, minha mãe, local de encontros frequentes da família. Nervoso, colocamos um banco numa área coberta do quintal, por volta de 14h48 da tarde, e então, li para ele as perguntas e expliquei o objetivo do trabalho. As gravações duraram cerca de 20 minutos, com suas respostas sendo diretas e com ênfase no que ele mais lembrava e gostava: a folia. O local escolhido, relembra ele, todas as grandes reuniões em família, seja em aniversários, festas comemorativas - como Natal e Ano Novo -, e, principalmente, os festejos da cidade, dados como exemplo o de São Benedito, Santo Antônio e Santo Antônio, festejos os quais, o mesmo atua como folião, tocando instrumentos durante a realização das festividades.

Por fim, Cássia, de 51 anos, prima de meu pai (a qual, assim como Arlete, nosso contato sempre foi cordial e agradável, mas nunca tão íntimo até o dia da entrevista), professora de história, historiadora e pesquisadora da Amazônia com ênfase na história da imigração dos judeus em Gurupá no século XIX, escolheu o Forte de Santo Antônio. Gravamos entre os horários de 17h e 19h da noite, do dia 30 de julho, iniciando a pré-entrevista com uma conversa. Fui caminhando, no espaço de um quarteirão não tão grande, buscar a entrevistada em sua residência, menos de 6 minutos andando. Ela me esperava, em seu pátio, sentada em uma cadeira de balanço feita com fios de plástico de PVC. Ao me avistar, abriu a porta de grade de sua casa e iniciamos o diálogo. A casa de Cássia, localizada na primeira rua, é uma linha reta até o Forte, uns 5 quarteirões que somados, não passa de 20 minutos andando, locais que para mim, no passado, pareciam extremamente distantes.

O sol já estava baixo, o céu começando a perder informações e as nuvens aparecerem, mesmo que ainda fosse 17h da tarde. Nosso medo era que uma possível chuva atrapalhasse as gravações, porém, enquanto caminhávamos, o céu abriu novamente e os raios fracos do sol eram barrados pelas casas e árvores da rua. Caminhando, fomos conversando sobre o quanto a cidade havia mudado nesses quatro anos que estive fora e aproveitando a vista de alguns locais existentes nessa rua, como a minha escola primária chamada Casulo, o Barracão Comunitário de São Benedito, a Casa Paroquial, a Igreja Matriz e sua praça, todos situados próximos ao Forte. Chegando no forte, pude recordar-me de todas as vezes que sentávamos ali para apreciar a vista, tirar fotos e comer aqueles doces de brigadeiros prontos da Moça (Nestlé).

Começamos as gravações por volta das 17h30, com o sol ainda aparecendo, com vistas de rabetas e barcos passando ao fundo, do lado do rio, e do lado da cidade, pessoas caminhando, carros, motos, bicicletas e pessoas na praça. O Forte de Santo Antônio de Gurupá, possui uma subida com degraus longos e espessos, com um portão de grade que é fechado durante a noite. Dentro dele, há um espaço, como se fosse uma casa, com alguns artefatos frutos da escavação do Museu Emílio Goeldi (que fica fechado) com um porão e grama verde no solo. A frente, há mais três escadas, menores mas ainda altas, que levam para dois canhões que miram diretamente para o rio. O local foi escolhido pela mesma, pois, segundo ela, além de seu valor histórico, proporciona a contemplação da vista do rio, esse é o momento que quem está ali, consegue entender, pois, para ela, assim como para mim, não é algo que possa ser explicado, mas sentido.

3. TAKE PESSOAL: IMPACTOS E TRANSFORMAÇÕES DO PESQUISADOR

O retorno a Gurupá não foi apenas uma etapa metodológica, mas um mergulho íntimo em lembranças que, por muito tempo, haviam sido silenciadas em mim por mim mesmo. A distância física e simbólica que se instaurou desde a mudança para Belém marcou meu processo de amadurecimento, mas também gerou rupturas: a vergonha diante dos estigmas sofridos, a tentativa de desvincular minha identidade gurupaense para caber em moldes de grandes centros urbanos e a conseqüente negligência em relação às minhas próprias raízes. Revisitar esses espaços foi, portanto, revisitar a mim mesmo.

Ao pisar novamente na cidade e nas comunidades, percebi como os sons, cheiros e paisagens atravessavam meu corpo de forma imediata, despertando memórias adormecidas. O ronco do motor da rabetá, o cheiro do açaí sendo batido, o barulho das folhas sopradas pelo vento, tudo isso operava como gatilho de lembranças que não estavam guardadas em fotografias, mas inscritas no corpo. Essa experiência confirmou a perspectiva de que a memória sensorial é um dispositivo de pertencimento: não é apenas o que lembramos, mas como o corpo reage e se reconhece em determinados ambientes.

O processo de entrevista também me afetou profundamente. Ao ouvir os moradores narrarem suas memórias, eu me via refletido em muitas falas: as brincadeiras de infância, o convívio comunitário, a força dos festejos religiosos e do trabalho coletivo na casa de forno. Não era possível me manter como observador externo, eu também era parte daquela história. Nesse sentido, a experiência aproximou-se do que Geertz (1973, p. 7) chama de “descrição densa”: compreender o lugar a partir de dentro, reconhecendo as camadas de significados atribuídas às práticas cotidianas.

Houve momentos em que a saudade se misturava com culpa. Perguntava-me: por que demorei tanto para voltar? Por que precisei de uma provocação acadêmica para valorizar aquilo que sempre estive em mim? Essas interrogações atravessaram todo o processo, fazendo-me perceber que a pesquisa não era apenas sobre Gurupá ou Gurupá-Miri, mas também sobre meu próprio caminho de reconciliação com minhas origens. O minidocumentário, nesse sentido, não é apenas um produto final, mas uma tentativa de costurar memórias individuais e coletivas, de dar imagem e voz a um território que também habita em mim.

O registro audiovisual (que inclui fotografias, vídeos e a captura de sons e objetos) foi, portanto, utilizado não apenas como recurso metodológico, mas também como linguagem expressiva, capaz de traduzir dimensões sensoriais que ultrapassam a palavra. Como assinala Favret-Saada (1990, p. 7), fazer etnografia significa também aceitar ser afetado pelas situações e relações que emergem no campo, reconhecendo que “um etnógrafo aceite ser afetado não implica que se identifique com o ponto de vista, mas que conceda estatuto epistemológico às situações de comunicação involuntária e não intencional”.

Assim, este trabalho representa uma virada: de alguém que antes negava ou escondia suas origens, passo a alguém que assume, valoriza e se reconhece na memória sensorial de origem. Fui afetado na medida em que compreendi que o pertencimento não é estático, mas se (re)constrói a cada deslocamento, a cada retorno e a cada lembrança que ressurgem no cheiro da chuva, no gosto da farinha, no som dos remos que batem o rio. A memória é um campo em disputa, especialmente quando relacionada aos territórios invisibilizados pela lógica urbano-colonial. Por fim, desmistificar a visão de que os locais que se afastam Belém são locais “atrasados”, as experiências da cidade do interior, muitas vezes ficam à margem das grandes narrativas sobre a Amazônia, que ainda operam sob o imaginário de um lugar exótico, primitivo ou atrasado (Cardoso, 2015), e mostrar a riqueza além dos rios Guamá e Acará e trazer, neste trabalho e nesse minidocumentário, as riquezas e vivências para além da lógica urbano central.

4. FRAME COMUNICACIONAL: CONEXÕES ENTRE EXPERIÊNCIA E JUSTIFICATIVA

Desde minha entrada no curso de Publicidade e Propaganda, sempre tive a intenção de produzir algo que fosse além de um trabalho escrito. A ideia de apresentar um produto comunicacional sempre esteve comigo, embora a dúvida sobre qual seria esse produto me acompanhasse. Meu interesse pelo cinema foi determinante nesse processo. O Cinema sempre foi minha primeira opção de curso e, quando não consegui ingressar nele, busquei algo que dialogasse com essa área. Foi assim que encontrei a Publicidade, onde me encantei com as

múltiplas possibilidades, mas sempre mantendo a proximidade com o audiovisual.

Minha relação com o cinema, no entanto, vem de muito antes da universidade. Desde criança, tive com meu pai um momento especial: assistir filmes juntos. Ele, que sempre trabalhou em jornadas extensas, manhã, tarde e noite como professor do município e do Estado, tinha nesses instantes nossa oportunidade de proximidade. Assistíamos a todos os gêneros, e foi nesse contato que desenvolvi uma verdadeira paixão pelo cinema. Esse hábito, além de fortalecer nossa relação, construiu em mim um olhar especial para o audiovisual, que hoje reverbera neste trabalho.

Essa paixão também foi alimentada pelas referências que marcaram minha trajetória. Desde filmes de terror no estilo found footage, até documentários como *Ritas* (2025) e *Marielle: O documentário* (2020), que me inspirei para esse trabalho, além de diversas produções cinematográficas e televisivas que me mostraram a narrativa como ferramenta para difundir memória e denúncia. Esses materiais ajudaram a formar minha visão de que a comunicação, quando aliada ao audiovisual, ultrapassa a função informativa e se transforma em instrumento de afeto, resistência e visibilidade.

Nesse contexto, a primeira proposta de TCC foi o desenvolvimento de uma campanha de social media para o curta-metragem. Contudo, essa proposta se tornou inviável em virtude da greve geral das Universidades Federais, deflagrada em 15 de abril de 2024 e encerrada somente em 29 de junho, com retorno das aulas em 1º de julho. Esse período, marcado pela suspensão de aulas e pela falta de orientação, inviabilizou o avanço do projeto inicial.

A partir desse impasse, encontrei uma nova possibilidade. Na disciplina ministrada pela professora Jússia, percebi que poderia unir meu desejo de trabalhar com o audiovisual, minhas inquietações em torno da memória e do pertencimento, e minha relação com o território de origem. Surgiu, então, o projeto autoral “O lugar que não sai de mim: memória sensorial e pertencimento em Gurupá-Miri”, um minidocumentário produzido de forma independente e autoral, gravado unicamente com meu celular e com recursos próprios.

A justificativa deste trabalho reside, portanto, em sua proposta de unir o olhar comunicacional com a antropologia visual e a etnografia rural, transformando a memória em linguagem. Este estudo busca não apenas compreender as formas de pertencimento construídas em Gurupá-Miri, mas também oferecer um espaço de expressão aos moradores, cujas experiências sensoriais revelam modos de habitar e significar o território.

Além disso, ao assumir minha posição enquanto descendente da própria comunidade, este trabalho ganha uma dimensão íntima e afetiva, na qual a pesquisa não é apenas sobre o outro, mas também sobre mim. Minha intenção é, portanto, propor uma reflexão crítica e

sensível sobre a importância da memória, do audiovisual e da comunicação como ferramentas de resistência, visibilidade e preservação cultural.

Durante a produção audiovisual do meu TCC, optei por realizar todas as gravações de forma mobile, utilizando meu próprio celular, um Samsung S24 Ultra, que uso para trabalhar. Não havia muita escolha, eu já trabalho de forma mobile, e, como ainda não tenho uma câmera profissional, trabalhei com meus próprios equipamentos. Essa decisão trouxe uma série de desafios, principalmente relacionados ao cuidado com os equipamentos. Foi necessário liberar memória constantemente no celular, além de lidar com o transtorno de transportar câmeras, tripés, iluminação e acessórios entre minha casa em Gurupá e a casa do meu avô. Esse deslocamento exigia atenção redobrada, tanto para evitar danos físicos — como quedas, batidas ou a quebra da lâmpada sensível — quanto para prevenir possíveis roubos, sobretudo nas viagens de barco e nos trajetos pela cidade. Apesar dessas preocupações, o processo de gravação em si foi relativamente tranquilo: minha maior dificuldade foi definir os pontos de fixação da câmera, mas, no geral, as filmagens fluíram sem maiores obstáculos. A edição foi realizada inteiramente por mim, através do CapCut, tanto no celular quanto no computador. Todo o projeto, portanto, foi fruto de uma produção independente e mobile, marcada por cuidados constantes, mas também por um fluxo de trabalho adaptado às condições do campo e aos recursos disponíveis.

Minha intenção é que este minidocumentário ultrapasse o caráter de exigência curricular e se constitua como um gesto de valorização da memória gurupaense. Que sirva como documento vivo e afetivo, capaz de devolver à comunidade parte do que ela me deu e, ao mesmo tempo, de ampliar o olhar de quem assiste, mostrando que os pequenos lugares também carregam grandes histórias.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste trabalho não se limitam a encerrar um percurso acadêmico, mas representam também um processo de reconciliação com minhas próprias origens. A produção do minidocumentário “O lugar que não sai de mim: memória sensorial e pertencimento em Gurupá-Miri” demonstrou que a memória, quando trabalhada a partir da perspectiva sensorial e afetiva, torna-se um forte mecanismo de pertencimento e resistência.

Do ponto de vista metodológico, a etnografia sensorial e a antropologia visual mostraram-se eficazes para compreender como os moradores de Gurupá e Gurupá-Miri constroem e reconstróem vínculos com o território. Os registros sonoros, visuais e narrativos revelaram que o pertencimento não se dá apenas no plano da lembrança, mas sobretudo na

forma como o corpo é atravessado por sons, cheiros, sabores e paisagens. Ao mesmo tempo, este percurso evidenciou o quanto a posição do pesquisador não é neutra. Como descendente da comunidade, eu vivi um processo de transformação pessoal, passando da negação para a valorização das minhas raízes. Assim, a pesquisa não foi apenas sobre o outro, mas também sobre mim, num movimento de autorreflexão que reforça a ideia de que todo trabalho comunicacional e etnográfico é atravessado por afetos e por escolhas subjetivas.

Do ponto de vista comunicacional, a experiência confirmou a eficácia do audiovisual enquanto linguagem de memória e, de certa forma, denúncia. O minidocumentário, mesmo produzido com recursos simples, mostrou que o cinema e a publicidade, quando aliados à antropologia, podem se constituir como ferramentas de visibilidade e preservação cultural, especialmente em contextos amazônicos muitas vezes invisibilizados.

Por fim, este trabalho abre caminhos para novas investigações. Pesquisas futuras podem explorar: o aprofundamento das pesquisas a respeito dos territórios quilombolas distantes com dados mais concretos; demais interiores de cidades pequenas e sua relação com as cidades urbanas (ou a falta dela); o apagamento de cidades menores quanto parte da Amazônia e do Pará; e a visibilidade e o estigma dos moradores de interiores e cidades menores em relação às grandes cidades urbanas.

Assim, mais do que um requisito de conclusão de curso, este trabalho constitui-se como gesto afetivo e político: devolver à comunidade parte de sua própria história, ao mesmo tempo em que reafirma a importância de se olhar para os “pequenos lugares” como portadores de grandes narrativas.

6. Referências Bibliográficas

AGÊNCIA PARÁ. Governador autoriza construção de um hospital amplo e moderno em Gurupá, no Marajó. Agência Pará, Belém, 9 mar. 2023. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/41892>. Acesso em: 15 ago. 2025.

ALEPA. Gurupá comemora 400 anos de história e tradição no Marajó. Assembleia Legislativa do Estado do Pará, Belém, 10 nov. 2023. Disponível em: <https://www.alepa.pa.gov.br/Comunicacao/Noticia/7620>. Acesso em: 15 ago. 2025.

BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Tradução de Luís Pereira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CÂMARA MUNICIPAL DE GURUPÁ. O município. Gurupá: Câmara Municipal de Gurupá, 2023. Disponível em: <https://camaragurupa.pa.gov.br/o-municipio/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

CARDOSO, Ana Cláudia. Amazônia: que cidades são essas? In: _____. Amazônia: cidade, cultura e território. São Paulo: Edusp, 2015. Cap. 2.

CASTRO, Marina. Socialidades e territorialidades na Amazônia: etnografia e experiência sensorial. In: _____. Antropologia das socialidades: perspectivas contemporâneas. Belém: EDUFPA, 2024. Cap. 5.

DA MATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DOL. Incêndio criminoso atinge Ilha de Gurupá e alerta moradores. Diário Online, Belém, 10 dez. 2024. Disponível em: <https://dol.com.br/dolplay/jornalismo/885092>. Acesso em: 15 ago. 2025.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Être affecté. *Gradhiva*, Paris, v. 8, n. 1, p. 3-9, 1990a.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

HARRIS, Mark. Life on the Amazon: the anthropology of a Brazilian peasant village. Oxford: Oxford University Press, 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/231788616_Harris_Mark_2000_Life_on_th

e_Amazon_The_anthropology_of_a_Brazilian_peasant_village. Acesso em: 22 ago. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil Quilombola. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/brasil-quilombola/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil tem 1,3 milhão de quilombolas em 1.696 municípios. Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 27 jul. 2023. Atualizado em: 27 out. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37464-brasil-tem-1-3-milhao-de-quilombolas-em-1-696-municipios>. Acesso em: 15 ago. 2025.

INGOLD, Tim. The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2015.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Fortaleza de Santo Antônio de Gurupá. Brasília: IPHAN, 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em: 15 ago. 2025.

MACDOUGALL, David. The corporeal image: film, ethnography, and the senses. Princeton: Princeton University Press, 2006. Disponível em: <https://archive.org/details/corporealimagefi0000macd>. Acesso em: 12 jan. 2025.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. A organização social do meio urbano. São Paulo: Hucitec, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

PACE, Richard; LIMA, Helena Pinto (orgs.). Crônicas de uma comunidade amazônica: oito décadas de pesquisa e envolvimento em Gurupá, Pará. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2024.

PINK, Sarah. Doing sensory ethnography. London: SAGE Publications, 2009.

PINK, Sarah. Doing sensory ethnography. 2. ed. London: SAGE Publications, 2015. Disponível em: <https://doingsts.com/smellworlds/pdf/Sarah%20Pink---Doing%20Sensory%20Ethnography%20%28sensory%20ethnography--sensory%20frameworks%29.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2025.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

RUTLEDGE, Pamela B.; HOGG, Jerri L. C. In-depth interviews. In: International encyclopedia of media psychology, 2020. p. 1–7. DOI: 10.1002/9781119011071.iemp0019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/345737833_In-Depth_Interviews. Acesso em: 22 ago. 2025.

SIMMEL, Georg. Sociologia: investigações sobre as formas da sociabilidade. Tradução de Elza Maria Monteiro dos Santos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

SIPAM – SISTEMA DE PROTEÇÃO DA AMAZÔNIA – Centro Regional de Belém – Divisão de Sistematização de Informações. Carta-imagem do município de Gurupá – Estado do Pará. Metadado digital (dataset). Belém: SIPAM/CENSIPAM, 24 maio 2011. Disponível em: <https://panorama.sipam.gov.br/geonetwork/srv/api/records/26e4e3be-4726-49a1-8698-0aabeb81db6d>. Acesso em: 22 ago. 2025.

TRAVANCAS, Isabel. Etnografia e comunicação: estudos de recepção. In: BARBOSA, Marialva; MOURA, Cláudia; RAMOS, Roberto (orgs.). Etnografia e comunicação. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006. p. 101-116.

VELO, Gilberto. Observando o familiar: o estranhamento do pesquisador. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

WAGLEY, Charles. Amazon town: a study of man in the tropics. New York: Alfred A. Knopf, 1953. Disponível em: <https://archive.org/details/in.gov.ignca.7708>. Acesso em: 22 ago. 2025.

WIKIPÉDIA. Ilha Grande de Gurupá. Wikipédia, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_Grande_do_Gurup%C3%A1. Acesso em: 10 jun. 2025.